



Crônica da Cidade

PATRICK SELVATTI | patrickselvatti.df@correio.cbnet.com.br

Sempre chegando

— Está onde?
— Estou chegando.
Em Brasília, “chegando” é menos uma informação do que uma promessa. Às vezes, é uma esperança, mas, em alguns casos, uma ficção.
A mensagem aparece na tela enquanto a pessoa ainda procura a chave de casa, ou toma banho, ou escolhe a roupa. Ou, em uma demonstração de sinceridade que merece reconhecimento, ainda está deitada, olhando para o teto e calculando se existe alguma possibilidade física de cumprir a própria palavra.

Mas a capital permite esse tipo de elasticidade verbal. Aqui, “estou chegando” pode significar muitas coisas. Pode significar que o carro já saiu da garagem, que o motorista acabou de entrar no Eixão, que a pessoa está na altura da Rodoviária ou que ainda está no outro extremo do Distrito Federal, mas, em sua defesa, já chamou o transporte por aplicativo que está a caminho.
A culpa, em parte, é da distância. Brasília não foi feita para encontros rápidos. Ninguém marca alguma coisa “ali na esquina”. E não é por que não há esquina, mas porque não há, na maioria das vezes, a possibilidade de descer e andar cinco minutos até o destino. Há eixos, tesourinhas, retornos, balões, acessos, viadutos, estacionamentos e uma sucessão de referências que só fazem sentido para quem nasceu, cresceu ou sofreu o suficiente

nesta cidade para aprender a se orientar por elas.
A resposta pode esconder uma jornada de 40 quilômetros. E pode ser justamente por isso que o brasiliense desenvolve uma relação tão particular com o tempo. O compromisso está marcado para as 19h. Às 18h20, alguém avisa que já está saindo. Às 18h45, informa que está chegando. Às 19h10, manda um “tô quase aí”. Às 19h25, aparece com a expressão de quem acaba de atravessar uma fronteira internacional. Ninguém parece considerar que tenha mentido. Em Brasília, chegar é um processo, uma ideia, um horizonte.
A cidade nos ensina que existe um intervalo considerável entre sair e estar presente. O corpo pode estar em movimento, mas ainda não chegou. O carro pode estar estacionado, mas a pessoa ainda precisa atravessar um estacionamento que parece

ter sido projetado por alguém que detesta encontros. Pode-se estar dentro do prédio e ainda faltar o elevador. Pode-se estar no elevador e ainda faltar o andar. Pode-se estar no andar e ainda faltar descobrir qual das portas é a certa.
Por isso, talvez o “estou chegando” seja uma das frases mais honestas que o brasiliense pronuncia.
Afinal, estamos sempre chegando. Ao trabalho depois de atravessar a cidade, em casa depois de passar horas no trânsito, a um restaurante em que a reserva já venceu, a uma festa quando os primeiros convidados foram embora e os últimos ainda não decidiram se vão.
Brasília é uma cidade que nos convence de que a chegada é um destino permanente. Talvez porque tudo aqui pareça distante e a cidade tenha sido planejada para carros, mas a vida insista em

acontecer no tempo humano. Ou porque, entre uma região administrativa e outra, entre um bloco e outro, entre um compromisso e outro, exista sempre uma distância suficiente para repensar a vida. Quem sabe, para desistir do compromisso.
— Estou chegando.
Há nessa frase uma espécie de pacto coletivo: quem pergunta sabe que talvez demore; quem responde sabe que não está exatamente chegando. Mas os dois lados entendem que é preciso manter a conversa em movimento. Em outras cidades, “estou chegando” é uma coordenada, mas, em Brasília, é um estado de espírito.
A gente está sempre chegando. Nesta cidade imensa, espaçada, planejada e cheia de caminhos que parecem levar a algum lugar — embora alguns levem apenas a outro retorno — chegar talvez seja menos estar lá e mais continuar tentando.

» Entrevista | SEBASTIÃO COELHO | PRÉ-CANDIDATO AO SENADO

Ao *CB.Poder*, o ex-desembargador detalhou as mudanças que tentará fazer no Judiciário, caso seja eleito. Entre elas, estão a criação de um mandato para os ministros da Suprema Corte e a saída deles da composição do TSE

“STF não pode ser casa de amigos”



» MANUELA MARIZ DE SÁ*

O ex-desembargador e pré-candidato do Novo ao Senado, Sebastião Coelho, defendeu, ontem, uma reforma no Judiciário, especialmente no Supremo Tribunal Federal (STF). Em entrevista ao *CB.Poder* — parceria entre o *Correio Braziliense* e a TV Brasília — ele falou que, caso seja eleito, vai trabalhar para que os indicados ao STF sejam escolhidos entre magistrados de carreira. Coelho propõe, ainda, a definição de um mandato para ministros da Suprema Corte e mudanças na composição do Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Às jornalistas Denise Rothenburg e Ana Maria Campos, o pré-candidato também falou sobre emendas parlamentares e o caso Master.

O senhor é estreante na política do DF. Por que uma candidatura ao Senado pelo partido Novo?

Sou um candidato improvável, aposentado da Justiça do DF. Era desembargador e, em 2022, vice-presidente e corregedor da Justiça Eleitoral. Nos poucos meses nos quais fiquei como corregedor, entendi que não me daria bem com o ministro Alexandre de Moraes, que assumiria o Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Em 16 de agosto de 2022, fui à posse dele e, diante do discurso de Alexandre Moraes, entendi que era hora de parar. Pedi, então, a aposentadoria para ficar em casa. No entanto, aconteceu o 8 de Janeiro. A partir daquele fato, comecei a auxiliar algumas pessoas. Participei de várias reuniões e audiências públicas com o senador Eduardo Girão (Novo) no Senado. Acho que por conta do episódio em que estive no quartel-general e fiz uma manifestação, naturalmente, fui conversando e o senador Girão me convidou para ingressar no partido. Isso em fevereiro de 2024. Eu falei: ‘Vamos pensar’. Foi fluindo e recebi o convite para disputar o Senado. Eu me identifiquei com o Novo, porque é um partido que é verdadeiramente de direita. É também o partido que mais faz ações no STF.

Se o senhor for eleito, quais medidas pretende adotar em relação ao STF?

Vou trabalhar desde o primeiro dia para uma reforma no Poder Judiciário, especialmente no STF. Ele não pode ser um tribunal de amigos. O presidente Lula criticou isso na campanha. O primeiro

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



A forma de indicação do STF deve ser entre magistrados de carreira. Aquele que prestou concurso ou os que chegaram aos tribunais pelo quinto constitucional. Ou seja, quem já é juiz”



O Senado tem que assumir o seu papel. Temos, no país, 12 pessoas intocáveis. São os 11 ministros do STF e o procurador-geral da República, porque eles só podem ser processados pelo Senado Federal, que não o faz”

Que idade o senhor propõe para indicação de ministros ao STF?

Uma idade entre 55 e 60 para permanecer, no máximo, 15 anos. É tempo mais do que suficiente. Agora, a grande questão é que o Senado tem que assumir o seu papel para responsabilizar ministros do STF. Temos, no país, 12 pessoas intocáveis. São os 11 ministros do STF e o procurador-geral da República, porque eles só podem ser processados pelo Senado Federal, que não o faz. Se a população de Brasília me colocar lá, no primeiro dia vou trabalhar para impeachment de ministros do STF, começando por Alexandre Moraes. Ele tem que pagar pelos crimes que cometeu e continua a cometer. O que ele faz com Jair Bolsonaro é tortura. Não tem outra palavra. Pode procurar no texto da lei.

O senhor tem vinculação com o bolsonarismo, mas o seu partido tem um candidato próprio para a Presidência, o ex-governador de Minas Gerais Romeu Zema (Novo). Como o senhor fica entre as duas candidaturas, caso Flávio Bolsonaro (PL) realmente seja candidato?

Se tivermos uma candidatura só Lula e Flávio, até agora, tudo indica que Lula ganharia no primeiro turno. Então, as candidaturas de Zema, Ronaldo Caiado (PSD) e Renan Santos (Missão) são necessárias para somar os votos e permitir que haja um segundo turno. No segundo turno, contra qualquer um, Lula está equilibrado. É preciso ter uma estratégia eleitoral. No primeiro turno, o Zema sendo candidato, obrigatoriamente, eu tenho que estar com o meu candidato. No segundo

turno, todos nós vamos nos juntar para derrotar o PT.

Como o senhor pensa em um mandato que possa beneficiar a população do DF?

O DF tem uma grande peculiaridade. Nós temos recursos. Temos um Fundo Constitucional, em 2026, da ordem de R\$ 26 bilhões para manutenção da segurança pública, que recebe um percentual de 54%, e para auxiliar na saúde e na educação, que recebem, se não me engano, 28% para saúde e 12% para educação. Então, como o DF não tem uma grande arrecadação em termos de indústrias, mas o que vem da União é suficiente para administrar aqui. Há, também, as emendas parlamentares. Não estou criticando absolutamente ninguém, mas não consigo entender como o parlamentar de Brasília não coloca as verbas das emendas destinadas para o povo de Brasília à sua disposição, coloca em outros estados. Se eu chegar ao Senado, as emendas destinadas individualmente ao senador serão destinadas 100% à população de Brasília. Nem um centavo para fora.

Como o senhor pretende tratar a questão das emendas parlamentares, caso seja eleito?

Essa questão, por um lado, tirou



Aponte a câmera do celular para assistir à entrevista

a necessidade de o parlamentar ficar indo ao ministério para pedir verba. Foi uma coisa boa, mas ela tem que ser transparente. Quando a emenda é destinada a uma cidade do interior de Alagoas, meu estado de origem, por exemplo, deveria ser comunicado imediatamente ao Ministério Público. A grande questão da emenda não é a indicação, é sua utilização.

Qual é sua opinião sobre o caso Master?

É um escândalo nacional e mundial. (Daniel) Vercaro comprou todo mundo que estava à venda. Infelizmente, comprou no Judiciário, no Executivo e no Legislativo. Quem tiver responsabilidade tem que pagar. Em Brasília, atingiu o nosso banco público com um rombo. Há opiniões a favor e contra esse socorro ao BRB, mas o fato é que nós temos o dinheiro do povo de Brasília no banco. O prejuízo seria maior se ele não fosse socorrido neste momento.

*Estagiária sob supervisão de Eduardo Pinho